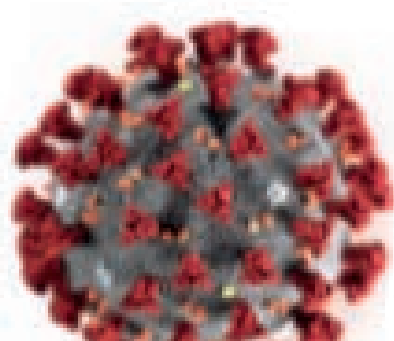
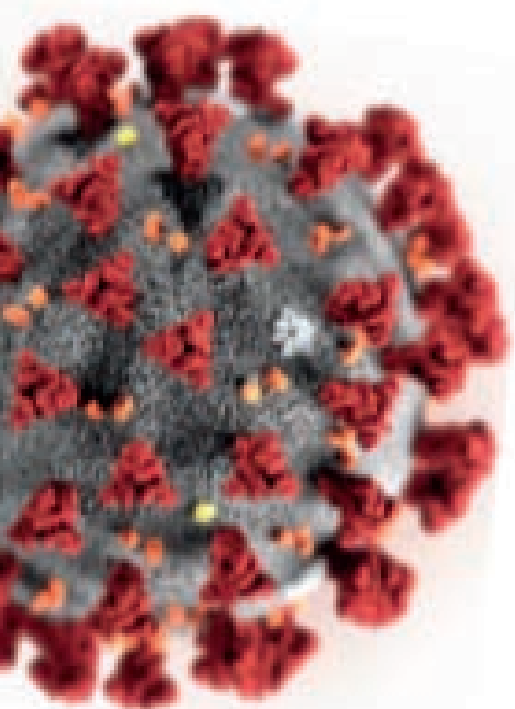


ANUÁRIO 2020



**QUE OS RICOS
PAGUEM PELA
PANDEMIA**

**QUE ELES MESMOS
TROUXERAM**



TERCEIRA PARTE

COVID-19

EDITORIAL

Anuário CAB | nº 01 - Ano 2020

Diante do fracasso das outras concepções de socialismo, o anarquismo pode, hoje, diante da história, reivindicar seu direito de desenvolver seu modelo na sociedade. É claro que isso só pode ser feito dentro da história, mas não do poder vigente, que deve ser derrotado, já que ele não cairá por conta própria. Em nossa concepção, esse poder deve ser combatido a sangue e fogo.

Juan Carlos Mechoso, Federação Anarquista Uruguaia (fAu)

2020 foi um ano de muita luta, mas ainda mais desafiador. A pandemia da Covid-19 atingiu em cheio nosso povo país afora, e impactou profundamente a realidade de todas e todos, em especial os de baixo, as pessoas na base da pirâmide social. O ano se encerra com quase 200 mil pessoas mortas pela doença (sabemos que os números reais são ainda mais altos), além de milhões afetadas pelo desemprego, pelo aumento da pobreza e da fome, e pelas diversas formas de violência do Estado.

Como militantes revolucionários anarquistas, não estivemos alheios a tudo isso, e desde o início nos mobilizamos nos locais de trabalho, estudo e moradia, nas quebradas das cidades lutando por Vida Digna, em mutirões de solidariedade, em manifestações exigindo políticas públicas ou denunciando a violência policial, pelo direito ao isolamento com condições dignas, e também no enfrentamento à extrema-direita nas ruas.

Um pouco da nossa luta e de nossa postura política em 2020 estão nesta cartilha, que resgata as notas da CAB divulgadas durante o ano. São mais de 50 textos que representam tanto posições imediatas frente à conjuntura, como o amadurecimento de reflexões

teóricas e políticas que fazemos há alguns anos. **Questões sobre a luta sindical, o antirracismo, o feminismo e as pautas LGBTQI+, a questão agrária e a resistência indígena, entre outras, estão materializadas nesse compilado de um ano de lutas.** Os textos também mostram o avanço de nosso internacionalismo, por meio da Coordenação Anarquista Latino-Americana, e por uma rede internacional de organizações anarquistas, localizadas nos 5 continentes.

São oito anos desde o congresso que fundou a Coordenação Anarquista Brasileira, e podemos dizer que, apesar das dificuldades, seguimos na reconstrução do anarquismo militante no país, fortalecendo as lutas do nosso povo, ao mesmo tempo em que trabalhamos na coordenação dos trabalhos entre as organizações e as frentes de luta. Com humildade e passos de acordo com nossas pernas, caminhamos ombro a ombro com as classes oprimidas na destruição desse sistema e na construção de uma nova sociedade!

Boa leitura!

8 anos de fundação Coordenação Anarquista Brasileira



cabanarquista.org



Nos dias 08, 09 e 10 de Junho de 2012 realizávamos o congresso fundacional da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB). Após anos de articulação entre grupos e organizações anarquistas no Fórum do Anarquismo Organizado (FAO), **decidimos que era o momento de avançar no nosso projeto de construção de uma Organização Anarquista Especifista em todo o território brasileiro.**

A coordenação entre Organizações de diferentes regiões do país, **construindo unidade ideológica, teórica e estratégica**, foi o ponto de chegada e ao mesmo tempo de partida que encontramos para continuar nessa empreitada nada fácil que é a de enraizar o anarquismo enquanto ferramenta de luta e organização no meio da nossa gente, das classes oprimidas.

Coordenar nossa inserção a nível nacional em diferentes

frentes e lutas sociais, desenvolver nossa propaganda e luta ideológica, manter em dia uma leitura coletiva sobre as conjunturas e as correlações de forças para melhor nos posicionarmos enquanto minoria ativa e motor das lutas e organização do nosso povo. São alguns dos desafios a que nos propomos desde então.

Há muito chão para caminhar e muita coisa pra fazer.

E caminhamos convictos que só a auto-organização e autonomia das classes oprimidas pode criar um povo forte que destrua o sistema capitalista e construa novas relações e maneiras de organizar o funcionamento da sociedade.

CAB | 8 ANOS DE ANARQUISMO ESPECIFISTA! LUTAR. CRIAR! PODER POPULAR!

Leia os documentos aprovados em nosso Congresso de fundação e conheça um pouco mais sobre nossa Coordenação:

<http://cabanarquista.org/2014/05/15/congresso-da-cab-brasi>

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/06/13/08-anos-de-cab/>

COVID-19

- A Emenda Constitucional 95 e a Dívida Pública;
- Não é só o coronavírus que vem adoecendo nosso povo;
- Um inimigo visível: os Patrões Parasitas;
- Fique em casa! Os super ricos que paguem...;
- Transporte público e a pandemia;
- Os últimos protestos e a classe dominante contra a saúde pública;
- A carreta da morte: a elite brasileira e a tragédia popular da Covid-19.



Para acesso à publicação em nosso site:
<https://cabanarquista.org/2020/03/25/a-emenda-constitucional-95-e-a-divida-publica/>

A EMENDA CONSTITUCIONAL 95 E A DÍVIDA PÚBLICA



CONTRA A AGIOTAGEM DOS CAPITALISTAS E DOS BANQUEIROS!

Em 2016, o governo Temer aprovou a Emenda Constitucional 95, chamada de Teto dos Gastos, que estabeleceu que o governo só poderia investir em saúde, educação, saneamento, segurança o mesmo que já havia investido em 2016, priorizando o pagamento religioso da dívida pública, que já passa de R\$ 1 trilhão. Já em 2016 denunciávamos o ataque, pois impedir o aumento de recursos para os serviços públicos é impedir a construção de mais creches e escolas, a contratação de mais médicos, compra de mais materiais de saúde, a ampliação da rede de água e esgoto, em resumo: **é piorar o que já não estava bom. Abrindo caminho para sucateamento e privatizações, que resultam num aumento do gasto que temos para garantir serviços básicos.**

E se o desastre já estava óbvio, agora fica ainda pior: diante do novo Corona vírus, nós precisaremos construir mais leitos (comuns e de UTI) e equipar os já existentes, contratar mais médicos, dispor de mais equipamentos de saúde, de transporte público de qualidade, de planos de assistência para trabalhadores

adoentados e nada disso poderá ser feito se o Teto for mantido.

Portanto, para combater o vírus, o aumento dos preços de serviços básicos e para garantir atendimento em saúde de qualidade para os trabalhadores e para as trabalhadoras – em outras palavras garantir o nosso direito a vida – **é necessário revogar a Emenda Constitucional 95 e encerrar o pagamento da dívida pública imediatamente.**

Enquanto houver uma limitação dos investimentos em saúde e banqueiros sugando o nosso dinheiro não poderemos ter nossos problemas resolvidos e as filas dos hospitais crescerão, a falta de leitos para tratamento dos doentes se intensificará e o corona vírus será um problema muito maior colocando nossa vida em risco.



NÃO É SÓ O CORONAVÍRUS QUE VEM ADOECENDO NOSSO POVO



Saúde e renda básica para o povo!

Tendo em vista o nível em que a situação chegou na Itália com o Coronavírus e como a pandemia vem avançando em outros países da Europa, muito tem se falado como é preocupante imaginar um cenário próximo no Brasil. Afinal, **já são vastas as mortes por doenças comuns entre o povo mais pobre em nosso país, por conta da falta de saneamento adequado e de uma saúde pública de qualidade; quem dirá o que ocorrerá frente a uma pandemia dessas proporções.**

A preocupação com fatalidades relacionadas a doenças está longe de ser uma novidade na vida do povo brasileiro. Só dando um exemplo mais próximo, a saúde do município do Rio de Janeiro vem enfrentando nos últimos anos uma verdadeira batalha pela sua própria subsistência frente aos inúmeros ataques vindos do prefeito Marcelo Crivella. Pensando mais **nacionalmente**, dados do ano passado apontam que **ainda 48% da população segue sem coleta de esgoto**. Exemplos não faltam nesse sentido. Como não lembrar da recentíssima crise hídrica também no estado do Rio? O que esperar da saúde da

população mais pobre frente a descasos como esses?

Não obstante, o Estado neoliberal que vem avançando agressivamente no Brasil nos últimos anos segue contribuindo para que tal cenário siga cada vez mais grave. Como nos esquecermos da Emenda Constitucional 95 de 2017, a chamada "Emenda do Teto de Gastos", que congelou durante 20 anos os investimentos destinados a serviços públicos básicos, como a saúde; enquanto 40% dos cofres públicos seguem sendo sugados pelos bancos com juros da dívida pública? Atualmente, tramita na Câmara do Deputados uma proposta para um novo marco regulatório do saneamento básico, que visa colocar o serviço público ainda mais à disposição da iniciativa privada: ou seja, o direito básico será ainda mais limitado a apenas quem pode pagar por ele.

É urgente que a população exija medidas a serem tomadas frente a tal cenário, pensando tanto na ameaça imediata do Coronavírus quanto à médio e longo prazo na defesa da saúde pública, gratuita, universal e de qualidade.



Na Espanha, por exemplo, foi decretado controle público de todos os hospitais privados, no intuito de controlar a pandemia; e na França, foram suspensos os pagamentos pela população de contas de serviços básicos como luz, água e gás. No Brasil, é necessário que o poder público siga esses exemplos!

>>> Contratação imediata de mais médicos, enfermeiros e demais agentes de saúde destinados à contenção do vírus, assim como disponibilização de mais leitos para os doentes!

>>> Distribuição gratuita de máscaras, álcool em gel e demais produtos de higiene para a população, assim como controle em seus preços!

>>> Controle público de hospitais privados e demais serviços de saúde, como exames domiciliares e "HomeCare", e anexação de todos estes ao SUS!

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/03/25/nao-e-so-o-coronavirus-que-vem-adoecendo-nosso-povo/>



UM INIMIGO VISÍVEL OS PATRÕES PARASITAS!

Se o tremor que tem sacudido o Mercado Financeiro e abalado as bolsas de valores ao redor do mundo tem em grande parte origem nas disputas geopolíticas de sempre e no tensionamento que se faz dos preços do petróleo, também é dado pela instabilidade gerada pela pandemia do novo Coronavírus, o Covid-19.

Com o espalhar-se da doença, o Capitalismo tem tido suas fragilidades exposta por um inimigo invisível, o vírus que pode até ter portadores saudáveis e que tem levado os governos a adotar medidas de quarentena e restrição da circulação das pessoas. Em três meses a Humanidade e o planeta Terra parecem estar sob o terrível e imprevisto ataque deste inimigo.

A produção e circulação de mercadorias prossegue quase que em ritmo inabalado e já vemos os patrões e empresários pressionando para poderem se manter mesmo que isso signifique colocar em risco milhares de trabalhadores e trabalhadoras, como é o caso das entregas por aplicativo, as quais Felipe Ramos Fioravante, CEO e fundador do Ifood, cinicamente incentiva os entregadores a adotarem por conta própria algumas medidas de precaução para poder continuar trabalhando.

Muito especulou-se sobre a origem deste novo vírus, em especial sobre sua origem animal, com os grandes jornais e noticiários indicando morcegos e outros animais silvestres que teriam transmitido o vírus aos chineses a partir do consumo de sua carne. De fato, a possibilidade de uma origem animal até agora é a mais

provável, porém deve-se buscá-la nas grandes criações difundidas por todo o planeta, promulgada pelo Agronegócio, um poderoso setor no Brasil que une latifundiários e empresários assassinos como Werner Baumann, CEO da Bayer, que não apenas não se importam em matar camponeses e indígenas, como veem há anos envenenando a população através dos agrotóxicos.

Os mercadores da fé, encabeçados por Edir Macedo e Silas Malafaia, demonstraram sua falta de preocupação pela saúde do povo ao negarem-se a interromper os cultos de suas igrejas, ousando até vender artefatos 'ungidos' para a proteção dos fiéis a altos preços, lucrando indiscriminadamente mais uma vez com o sofrimento e a insegurança.

Por fim, mas não por isso menos responsáveis está a classe política, que vem desmontando e sucateando o SUS, que pouco se importam pela saúde dos mais pobres e que hoje são obrigados a tomar medidas emergenciais ou ao menos pretender que as estão tomando.

Parece, portanto, que **uma ameaça bem maior no momento é este inimigo visível, são os patrões-parasitas, inimigos declarados do povo e que irão arriscar nossas vidas para manter seus lucros** e, eventualmente, utilizar o Coronavírus como cortina de fumaça para passar mais medidas de austeridade e incrementar o Estado policial de ajuste.

Enquanto o Ministro da Economia, Paulo Guedes, anuncia fundos

emergenciais escondendo que trata-se apenas de um adiantamento de dinheiro já dentro do orçamento anual, Bolsonaro declarase contra a quarentena e que deve haver algum meio termo, revelando assim o interesse seu e dos patrões facinoras que por medo da recessão econômica querem obrigar o povo a trabalhar para não sofrer mais perdas econômicas em suas receitas já bilionárias. A falta de um plano concreto não revela o despreparo do Ministro e do Governo, mas o fato de que a burguesia não se importa com o contágio e morte de milhares de trabalhadores e trabalhadoras!



**NENHUMA DEMISSÃO USANDO A INFECÇÃO DE CORONAVÍRUS COMO DESCULPA!
CONGELAMENTO DOS PREÇOS DE PRODUTOS DE CESTA BÁSICA APESAR DA
CRISE ECONÔMICA!
PUNIÇÃO DOS CAPITALISTAS QUE EXPUSEREM TRABALHADORES AO RISCO DO
CORONAVÍRUS, RESPONSABILIZAÇÃO DAS EMPRESAS E GOVERNANTES
PELA ESTRUTURA PRODUTIVA QUE GEROU A EPIDEMIA!**

FIQUE EM CASA! OS SUPER RICOS QUE PAGUEM...

Estamos vivenciando uma luta de classes que vai decidir muita coisa nesse momento grave da história mundial e cujo cenário é a emergência do coronavírus e dos meios coletivos de saúde pública e abastecimento popular. Num país desigual e opressivo como o Brasil, a pandemia é mais perversa e pode atingir especialmente as massas precárias do capitalismo neoliberal. A onda é a mesma para todos, mas as classes ricas e poderosas têm seus aparelhos privados, suas lanchas, iates e embarcações para atravessar o mar revolto.

O Bolsonaro, que briga com a Globo, não está enfrentando o sistema capitalista e o modo neoliberal de governar pela crise permanente. Pelo contrário, está acertando contas com rivais e desafetos, disputando controles e espaços dentro do sistema. **O bolsonarismo é a faceta autoritária e conservadora do poder que quer quebrar e diminuir a resistência popular**, as pautas de igualdade social e das liberdades. Não vamos esquecer que ***Bolsonaro foi criatura histórica da campanha de reação neoliberal, incitada pela Globo e pela Lava Jato, que abriu espaço ideológico para a extrema direita ocupar as ruas, as redes sociais e ganhar a decisão política que tem hoje.***

Estão enganados quem classifica isoladamente os atos de Bolsonaro como insanidade. Ele não fala sozinho! Ele convoca um movimento pela pauta de terror da CNI – o sindicato nacional dos industriais – e de outros grupos



poderosos pra quem a vida dos pobres ou vale nada ou só serve como burro de carga dos donos da “economia”. Esse é o jeito do capitalismo que governa as periferias mundiais, formação colonial e escravista em sua essência. Violência, racismo e roubo dos povos são as relações de poder que fundam as estruturas imperialistas do sistema.

Bolsonaro faz uma campanha ASSASSINA com a pauta dos patrões e convoca milhões de trabalhadores/as de volta às ruas, aos ônibus e trens lotados, para o trabalho insalubre e precarizado, ignorando a grave ameaça da pandemia do coronavírus à saúde pública.

O ministro Paulo Guedes confessa o plano sinistro de usar a emergência da saúde pra reduzir salários de trabalhadores/as, suspender direitos básicos de sustento e proteção do emprego, e atacar servidores públicos no meio da crise.

Enquanto Sérgio Moro, pra não perder seu lugar no palco, tem a máquina da segurança pronta pra punir a revolta dos pobres e defender a propriedade e o poder dos grandes empresários e financistas.

Bolsonaro-Guedes-Moro atuam no mesmo sistema carniceiro que acomoda no andar de cima os super ricos e governa a vida e a morte das massas pelas razões de mercado e pelo ajuste repressivo do Estado. Esses bilionários e milionários, seus técnicos e auxiliares, que aplicam forçosamente austeridade no povo enquanto botam no próprio bolso metade das riquezas do país – **riquezas geradas através do esforço, suor e sangue das/os de baixo**. A classe dominante que se cria nas relações de forças de uma desigualdade brutal, da miséria e opressão que sobram pras classes oprimidas, com o agravante de uma violência especial sobre as mulheres, o povo negro e os originários da terra.

Nós, da Coordenação Anarquista Brasileira, também pensamos que é preciso uma ruptura com as estruturas do poder dominante pra resistir à destruição de vidas e do planeta pela máquina devoradora do capitalismo e os sistemas de opressões que configuram nossas sociedades. Pra enfrentar o sistema entre as tantas coisas que precisam mudar uma é essa fortuna cruel e infame que deve ser cobrada e redistribuída pra aumentar os fundos e serviços públicos que são essenciais. No avanço do coronavírus a riqueza social tem que ser usada pra cobrir as urgências populares e garantir à toda classe trabalhadora, desempregados, pras favelas e periferias das cidades e do campo um plano social de dignidade e emergência pro povo não morrer pobre e doente.

Os super ricos tem que pagar pros pobres ficarem em casa, com todas as condições e os cuidados para prevenir a transmissão do vírus, sem falta de renda e abastecimento. O neoliberalismo

é um estado de calamidade social para nossas vidas que deve ser urgentemente enfrentado, destruído, por uma **luta anticapitalista e libertária. Só o povo salva o povo! Nada de ditaduras reacionárias ou governo representativo das oligarquias de sempre.** A hora é de uma economia popular, coletiva, de ajuda mutua, que toque nas grandes fortunas e nos lucros dos bancos e grandes empresários para ser financiada.

Não temos nenhuma dúvida que os políticos, militares e juizes – a alta burocracia da máquina do Estado – tem que perder seus ganhos fantásticos pra financiar o que é público e coletivo. O auxílio moradia dos juizes é uma ofensa dolorosa pra realidade de milhões de famílias sem teto ou aquelas que sobrevivem apertadas em moradias precárias, nos barracos e favelas. A pensão vitalícia pras filhas de militares também entra na categoria dos grandes e ultrajantes privilégios de Estado que tem que acabar imediatamente.

Políticos e empresários sempre jogaram juntos no mesmo time. Todos operam no mesmo balcão de negócios. Os juizes e militares não ficam de fora do sistema. Não há um grande banco faturando horrores numa economia de milhões de desempregados e precários, sem um ministro no governo ou um político no congresso retalhando e acabando com as conquistas operárias que puseram limites a tanta exploração. Não há fortuna de um proprietário capitalista sem uma ordem política que o defenda com ajuste e repressão policial, enquanto a imprensa burguesa narra o mundo pelo discurso do mercado. Os mais poderosos industriais ou comerciantes tem departamento de sonegação fiscal e uma boa política de reforma trabalhista e da

previdência ao seu gosto pra não serem taxados pela renda e patrimônio.

Não podemos ignorar isso. É preciso uma máquina de guerra e contra-insurgência apontada pra favela pra fazer a gestão da competição precária, da exceção seletiva e permanente, da pena de morte legal ou extrajudicial sobre os setores populares que encarnam o "perigo" da norma implacável de miséria e opressão.

Os super ricos têm que pagar com os lucros que geram suas fortunas, pra que acabe o Teto de Gastos Públicos que congela e arrocha o orçamento social, desmonta o SUS e os serviços públicos. Tem que pagar pra financiar uma renda digna pros desempregados, informais e precários e pra dar dispensa remunerada pros empregados das atividades não essenciais. O direito de ficar em casa para quem não está ocupado na linha de frente das atividades essenciais é uma luta que decide a vida e a saúde pública.

Donos da indústria, bancos e comércios, incluindo a família Marinho que é proprietária da Globo: são seus luxos e fortunas que devem ser cortados. Essa é a carne gorda do sistema que precisa ser repartida pra vida dos de baixo mudar pra valer. A revista dos altos burgueses, a Forbes, em sua Edição 71 de 25 de setembro de 2019 publicou a lista com os 200 bilionários brasileiros.

1 – Jorge Paulo Lemamm –
Patrimônio 104,71 bilhões de reais

2 – Joseph Safra –
Patrimônio 95,04 bilhões de reais

3 – Marcel Heremamm Telles –
Patrimônio 43,99 bilhões de reais

4- Eduardo Saverim –
Patrimônio 43,16 bilhões de reais

5 – Carlos Alberto Sicupira –
Patrimônio 37,35 bilhões de reais

6 – Andre Esteves –
Patrimônio 20,75 bilhões de reais

7 – Luiz Frias –
Patrimônio 20,34 bilhões de reais

8 – Joesley Batista –
Patrimônio 14,78 bilhões de reais

9 – Wesley Batista –
Patrimônio 14,78 bilhões de reais

10 – Cândido Pinheiro Koren de Lima –
Patrimônio 13,82 bilhões de reais

11 – José João Abdalla Filho –
Patrimônio 13,70 bilhões de reais

12 – Abilio Diniz –
Patrimônio 12,04 bilhões de reais

13 – Fernando Moreira Salles –
Patrimônio 11,65 bilhões de reais

14 – João Moreira Salles –
Patrimônio 11,65 bilhões de reais

15 – Pedro Moreira Salles –
Patrimônio 11,65 bilhões de reais

16 – Walter Salles –
Patrimônio 11,65 bilhões de reais

17 – Walter Faria –
Patrimônio 11,62 bilhões de reais

18 – Rubens Minim –
Patrimônio 11,51 bilhões de reais

19 – João Roberto Marinho –
Patrimônio 11,21 bilhões de reais

20 – José Roberto Marinho –
Patrimônio 11,21 bilhões de reais

21 – Roberto Irineu Marinho –
Patrimônio 11,21 bilhões de reais



ANTICAPITALISMO, PORQUE NOSSAS VIDAS IMPORTAM! CONSTRUIR UM POVO FORTE PARA CONSTRUIR PODER POPULAR! PELO SOCIALISMO LIBERTÁRIO!

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/04/03/fique-em-casa-os-super-ricos-que-paguem/>



TRANSPORTE PÚBLICO & PANDEMIA

A pandemia do Covid-19 apenas aumentou o drama da grande maioria do nosso povo que usa dia a dia o transporte público das grandes cidades do país. **Já não bastasse ter que enfrentar a super lotação – além do preço caro das passagens – agora ela é um fator que coloca nossa saúde em risco.** Para garantir o lucro das máfias empresariais do transporte, motoristas, cobradores, condutores e trabalhadores que usam diariamente ônibus, trem e metrô para ir ao trabalho, arriscam sua saúde.

Nossa luta em defesa de outro modelo de transporte, verdadeiramente público, não é recente. Há décadas temos questionado esse modelo existente na maioria das cidades brasileiras que garante riquezas para os de cima e precariedade para os de baixo. E também não é de

hoje nossa luta por melhores condições de trabalho e por salários dignos.

Nessa pandemia, temos visto as coisas se agravarem. Se, por um lado, o transporte público deveria funcionar apenas em função dos serviços essenciais – que não podem paralisar suas atividades – por outro, milhares de trabalhadores que não recebem auxílios substanciais dos governos e não tem garantido o direito de manter distância social ou de trabalhar em suas casas se veem obrigados a encarar a mesma rotina de ônibus, metrô e trem.

Mas agora, como antes, não há uma política que reorganize o transporte público em função dos direitos de acesso aos equipamentos públicos da cidade, de seu conforto, de medidas sanitárias e da saúde e proteção das pessoas. O que

temos visto em várias cidades do país é: superlotação, linhas de ônibus sendo suspensas, tempos de espera aumentados. Ou seja, mais e mais precariedade.

A estes trabalhadores, o que resta é o uso das máscaras e a torcida para que o vírus não lhes alcance. Porque em um cenário como esse, não há distanciamento social e preservação da saúde possível. É como dizia um meme circulando por aí: **os que andam de carrão querem que vamos trabalhar em ônibus superlotados porque a economia não pode parar.**

Entre escolher passar fome e arriscar nossa saúde, não escolhemos nada. Porque na verdade não existe escolha. Seguimos trabalhando e arriscando nossa saúde e ponto final. Neste momento, o transporte de milhões de pessoas não é a garantia do direito de ir e vir, como de forma oportunista os apoiadores de Bolsonaro defendem, e sim expor todos e todas a um perigo que poderia ser evitado.

O que precisa ser posto contra a parede continua sendo o modelo de transporte, que:

- não é verdadeiramente público;
- enriquece máfias empresariais;
- limita o acesso aos equipamentos públicos e culturais pelos trabalhadores/as;
- nos impõe uma rotina estressante;
- coloca nossa saúde em risco;
- não são os trabalhadores e usuários que fazem sua gestão.

Continuamos a defender quarentena remunerada e renda emergencial. Porque **são os capitalistas que devem pagar pela crise.**

E continuaremos a lutar por um transporte público realmente a serviço de todos os e as trabalhadoras e não dos patrões.



Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/06/08/transporte-publico-e-a-pandemia/>



“[...] SÃO OS CAPITALISTAS QUE DEVEM PAGAR PELA CRISE!”

CONTRA A SAÚDE PÚBLICA

Nos últimos dois domingos foram realizados protestos em diversas cidades do país. Os protestos rechaçaram o racismo estrutural e a violência policial, assim como expressaram a indignação frente a postura genocida do governo Bolsonaro diante a pandemia do Corona Vírus.

Ante as manifestações, **uma polêmica circulava nas redes. Motivada por músicos, intelectuais, membros de partidos políticos e outras referências, começou a se difundir a ideia de que o retorno às ruas seria uma irresponsabilidade política grande, frente a pandemia de covid-19 e seus possíveis impactos nos/as trabalhadores/as.**

Para nós, não havia e não há dúvidas de que a escolha de ir ou não à rua é coletiva e não exclusivamente individual. Há uma leitura sobre o momento que estamos vivendo de parte de muitos movimentos populares e organizações políticas e do porque esse é o momento de ir pra rua. Temos acordo com essa leitura e fomos às ruas **contra o racismo e por vida digna.** Com todo o cuidado em relação às medidas sanitárias e a não exposição de pessoas do grupo de risco.

Algumas constatações. O governo Bolsonaro, as elites políticas e a burguesia brasileira trabalharam cotidianamente para destruir quaisquer possibilidades das classes oprimidas manterem o isolamento social desde o início da pandemia. Hoje, essas forças conseguiram efetivamente destruir qualquer possibilidade de quarentena social para os/as trabalhadores/as e já se con-

tam os milhares de mortos. O governo Bolsonaro-Mourão-Guedes sufocou e atrasou a ajuda financeira aos mais pobres, incentivou carreatas bolsonaristas pelo fim da pandemia, chantageou os governadores, deteriorou a ação do Ministério da Saúde, difundiu uma bateria de fake news, ignorou as recomendações da OMS e, agora, trabalha com os militares para esconder a quantidade de mortos no país.

Cabe dizer, que desde o início da pandemia, um contingente enorme de trabalhadores precarizados (maioria de pobres e negros) sem quaisquer direitos ou possibilidade de usufruir da quarentena com pagamento integral, foram obrigados a sair às ruas para trabalhar. Para esses sujeitos e setores, a quarentena nunca existiu. Ou se existiu, foi destruída pelo lucro voraz da burguesia brasileira e pela sandice bolsonarista, que usando de expedientes jurídicos e políticos, seguiu mantendo diferentes serviços e

Os últimos protestos e a classe dominante contra a saúde pública



empresas em funcionamento.

A saída dos movimentos populares às ruas é, portanto, uma decisão de **defesa da saúde coletiva e do direito à quarentena**. Cada militante que se arriscou para ir às ruas nos últimos domingos, arriscou sua própria vida, em defesa das vidas negras e em prol de um direito coletivo de saúde, que é impedido pela ação criminosa do governo Bolsonaro. **Para os/as moradores de favelas e a população negra, o direito a quarentena e ao isolamento foi desrespeitado pelo próprio governo e por sua ação genocida**, operacionalizada pelas polícias militares, que mesmo na quarentena, assassinaram 15 pessoas no Complexo do Alemão (Rio de Janeiro/RJ), assassinaram o jovem João Pedro Mattos (14 anos) e seguem assassinando jovens e trabalhadores pretos nas favelas.

A burguesia e sua máquina de moer gente, fez com que a maioria do povo não tivesse condições de ficar em quarentena em casa. Esses trabalhadores foram obrigados a trabalhar, viraram as noites numa fila da Caixa para tentar conseguir o auxílio de 600 reais. Enquanto os de cima ignoram as recomendações de saúde da OMS, os trabalhadores ficam sem saneamento básico e sem água para se higienizar. Não possuem aparelhos nem internet para fazer ensino à distância ou ensino remoto, que o capitalismo quer impor ao povo como “política de educação”. E a maioria do povo que se contamina com a Covid-19 terá muita dificuldade para conseguir vagas e UTIs nos hospitais públicos, sucateados pelos cortes neoliberais. O governo Bolsonaro segue com o rolo compressor do ultraliberalismo matando a população, levando o

país aos maiores números de contaminação e mortes do mundo.

Nas periferias, vilas, favelas e baixadas, a falta de água, estrutura básica de serviços e infraestrutura, mesmo com a ação aguerrida e organizada de moradores e movimentos populares, prejudicou quaisquer possibilidades de isolamento social. Muitos desses moradores, organizados/as ou não em movimentos populares, coletivos, organizações diversas, decidiram assim, arriscar suas vidas e sair às ruas, para dizer: **Vidas negras importam! Chega de Racismo! Pelo Fim da Polícia Militar! E Fora Bolsonaro!**

O REFORMISMO SE ACOVARDA DIANTE A LUTA

Mais uma vez a realidade atropela a conciliação de classes, o reformismo e o oportunismo da esquerda institucional. Movimentos de população negra, torcidas organizadas, setores populares se manifestaram pois já não aguentam mais a política de extermínio de negros e pobres do capital operada por governos como Witzel, Dória e pelo governo Bolsonaro.

Depois dos atos do último fim de semana afloraram as mesmas leituras sectárias e elitistas que vimos em 2013, de uma esquerda burocrática que permanece míope à realidade. Uma esquerda que abraçou de vez o carreirismo político-parlamentar e rompeu com o povo. E se o povo pobre e negro se organiza para ir para as ruas ou com participação de movimentos populares sem a tutela desta esquerda eleitoreira, não

tardam os discursos de desqualificação e criminalização dos atos, fazendo coro com a mídia burguesa e com a direita. Ou considerando esses atos como “espontaneístas”, “desorganizados”, mesmo que estes tenham sido planejados coletivamente por diferentes forças políticas e sociais.

Temos uma Lei Antiterrorismo aprovada por Dilma (PT), e para parte desses intelectuais e organizações políticas, são as possíveis “vidraças dos bancos quebradas” que serão o estopim para Bolsonaro dar um “golpe militar”, e não o acúmulo político da classe dominante, escancarado com mais evidência, desde o golpe que derrubou a presidente em 2016.

A política do Estado policial de ajuste é austeridade e violência e escancara a sua face renovada, dentro do contexto político-social deste período. Ainda vamos ter que conviver por um tempo com os riscos da contaminação, e buscar formas de lutar nessa realidade. E além disso, estarmos atentos para a utilização dos mecanismos e tecnologias aplicadas na pandemia em um maior controle e repressão social. Tecnologias de vigilância, violações de dados pessoais e monitoramento. Aplicação de medidas como quarentenas, fechamento de cidades, toques de recolher, proibição de manifestações de rua, Garantia de Lei e Ordem ou Estado de Sítio, com suspensão de direitos. A pandemia abriu vários precedentes e brechas para a repressão a movimentos sociais e manifestações, mesmo dentro do regime democrático burguês, que endurece e cria armadilhas. Aliado a isso, observamos um estado cada vez mais aparelhado por militares em cargos e secretarias do governo, e um possível cenário onde a defesa nacional se mescla cada

vez mais a políticas de segurança pública, em um país onde a lógica da defesa é a do “inimigo interno”.

Mais uma vez essa dita esquerda coloca a culpa da violência do Estado no povo, na manifestação popular. E não numa decisão estratégica equivocada que nos levou a uma derrota histórica sem precedentes. Estratégia de subordinar às lutas aos movimentos parlamentares, de abandonar as periferias e comunidades, de não fazer trabalho de base e de burocratizar qualquer ato que fuja do controle de determinadas vanguardas políticas reformistas.

Diante das últimas manifestações populares, o PT, e seus satélites do campo democrático-popular, se acovardaram mais uma vez. Repetiram o mesmo papel histórico do reformismo, buscando sempre o acordo sem luta, a conciliação com o capital para manter o jogo “democrático” funcionando. Só que o capital não quer mais jogar este jogo.

A Frente Ampla é mais uma proposta de direita, que quer reabilitar o rei das privatizações, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), recolocando no jogo os mesmos oligarcas da política para novamente apertarem o torniquete no pescoço do povo. E o PT sabe que não pode apoiar a Frente Ampla da direita, para não perder sua base eleitoral e partidária. Mas também não radicaliza muito o discurso, nem incentiva a ida às ruas, porque ainda quer acenar para a mesma direita e para o capital, quer se colocar ainda como alternativa “responsável” e “republicana” da conciliação de classes, mirando as eleições municipais e federais em 2022. Quer uma solução por “cima”, sem que haja qualquer ameaça para as costumeiras e viciadas eleições.

Mas ficar inerte diante da realidade, só pode nos levar a ser atropelado pelas forças reacionárias e golpistas!

E com miséria, falta de saúde e violência não se convencerá o povo a sangrar até as eleições. Então mais uma vez, diante do povo nas ruas, a esquerda institucional e democrática tem medo, se acovarda, recua, não dialoga com o povo, não se faz presente nos processos sociais e reduz a ação política ao terreno viciado do parlamentarismo burguês. Para isso, utiliza teorias e aparatos viciados de análise da realidade, quase “teorias da conspiração de esquerda”, enquanto a realidade grita nas ruas.

O QUE FAZER, COMO AGIR?

Diante destes cenários o único papel que a esquerda pode assumir nesta conjuntura é buscar todas as formas possíveis de apoiar, mobilizar e participar de ações que confrontem a política genocida de Bolsonaro e apontem para a anulação de suas medidas antipovo, racistas e antidemocráticas. Tentando manter ao máximo os critérios de saúde e segurança possíveis. Pois o bloqueio do avanço da direita bolsonarista e ultraliberal não vai se dar pelo Congresso nem pelo STF. Muito menos pelas frentes parlamentares, que inevitavelmente, levarão a acordos pela direita. Lutar contra Bolsonaro é uma questão de saúde pública e ética, mas a luta vai para além de sua figura, e para além de seu governo. Pois o capital ultraliberal não quer mais jogar no campo da democracia e da constituição.

Nós, que acreditamos na ação direta, na organização em movimentos populares, defendemos que é preciso ter um papel de protagonista diante a realidade,

“[...] aprofundar o grau de organização, de segurança, disciplina, de vontade militante, para enfrentar tal conjuntura, que não permite ingenuidade ou nenhuma ação artesanal.”

elevando o nível da luta diante dos ataques da direita e dos capitalistas. Por isso, é necessário aprofundar o grau de organização, de segurança, disciplina, de vontade militante, para enfrentar tal conjuntura, que não permite ingenuidade ou nenhuma ação artesanal.

É preciso reinventar as táticas que possam dar resposta ao contexto social em meio a pandemia. Não ser alvo fácil da repressão ou da burocratização com táticas repetitivas, nem substituir a ação concreta e de intenção revolucionária pelo palavreado radical vazio, que muito seduz em forma, mas que não diz nada, se não tem um conteúdo prático, se não organiza, se não constrói e aponta alternativas pelo exemplo.

Não podemos mais ter ilusões que vão ocorrer “giros keynesianos” ou políticas de desenvolvimento por parte do Estado. Não podemos esperar que o STF e o congresso, esses fiadores do golpe nos direitos dos trabalhadores, resolverão o problema Bolsonaro. Abandonemos qualquer ideia de “normalidade” e de solução dentro da república burguesa.

Devemos trabalhar para canalizar a insatisfação de todos/as os/as trabalhadores insatisfeitos com o governo genocida de Bolsonaro em espaços organizados

da nossa classe (sindicatos, movimentos comunitários, estudantis etc.) e impregnar esses espaços de combatividade, independência de classe, anticapitalismo e solidariedade de classe, ao invés de somente considerar os trabalhadores como “futuros eleitores” de mais um projeto reformista que se coloca no horizonte de 2022. Aqui, nossa modéstia e generosidade deve guiar nossa ação política, trabalhando para incluir cada vez mais amplos setores da nossa classe social, dos oprimidos e oprimidas, ao invés de seguirmos nos mesmos espaços e categorias clássicas do mundo do trabalho. Fortalecer a ação, a solidariedade e a organização de trabalhadores autônomos, terceirizados, precarizados e independentes.

É necessário fortalecer as instâncias e campanhas de solidariedade e cuidados de saúde nas periferias, bairros, territórios, escolas e fábricas onde estão os/as de baixo. Avançar em campanhas que respondam aos anseios e necessidades do povo – tais como a Campanha por Vida Digna – e ao mesmo tempo o organizem, acumulando força social para aumentar sua força e organização.

Para nós, militantes da CAB, vivemos mais uma etapa de resistência, um momento crucial. **Redobrar os esforços revolucionários e a organização popular é algo fundamental, para provar que o povo pode lutar e vencer.**

Para acesso à publicação em nosso site:

<http://cabanarquista.org/2020/06/17/os-ultimos-protestos-e-a-classe-dominante-contr-a-saude-publica/>



Ilustração do Coletivo Pinte e Lute para a “Campanha de Luta Por Vida Digna”

A CARREATA DA MORTE:

a elite brasileira e a tragédia popular do covid-19

Desde 2016, abriu-se um novo período de arranjo de forças da sociedade brasileira. As elites nacionais, cansadas da equação que lhes garantia altos ganhos em troca de algumas benesses para as e os de baixo, decidiram embarcar num golpe político que conformaria um novo bloco de forças sociais. Não bastava mais realizar as reformas liberais de maneira homeopática, mas a ideia de um governo de choque, um Estado de Ajuste, rapidamente transformado em Estado Policial de Ajuste, ganhou forma com o governo Temer.

Contudo, as reformas políticas que visavam principalmente a dilapidar o patrimônio nacional em favor da burguesia estrangeira, destruir os direitos trabalhistas e reduzir ainda mais os já combalidos serviços de proteção social, não foram plenamente efetivadas, ainda que as reformas de Temer tenham sido aplicadas em tempo recorde. O novo arranjo deste bloco de poder, vendo que seus candidatos tradicionais poderiam ser derrotados no pleito, consolida a vitória da extrema-direita bolsonarista associada ao ultraliberalismo de Paulo Guedes. Por meio de uso massivo de fake news, da impugnação jurídica do candidato que não despertava mais tantas simpatias (ainda que tenha sido um fiel aliado na fase anterior) e da mobilização da opinião pública, colocaram o capitão em seu posto para prosseguir na missão planejada em 2016. O comportamen-

to dos liberais e da burguesia ilustrada em relação aos excessos reacionários de Bolsonaro sempre foram, nesse sentido, complementares: apoiava-se o projeto de morte de Paulo Guedes, mas podava-se os galhos reacionários em excesso. A ultradireita quase fascista e os liberais eram engrenagens de um mesmo sistema antipovo, em que uma oposição de esquerda e republicana perdia-se nas minúcias do tabuleiro já dominado pelos de cima.

Todavia, a chegada da COVID-19 ao Brasil obrigou a uma mudança de rota no funcionamento dessa máquina sistemática de moer pobres. As elites brasileiras logo abandonaram sua fachada humanitária, e a breve "disputa" entre governadores e governo federal em torno da manutenção ou não do isolamento social foi solucionada.

“A burguesia brasileira e as elites econômicas se mobilizaram muito cedo para manter a engrenagem da exploração funcionando, com o tema “a economia não pode parar”.”

A burguesia brasileira e as elites econômicas se mobilizaram muito cedo para manter a engrenagem da exploração funcionando, com o tema “a economia não pode parar”. Consigna macabra utilizada pela burguesia e pelos políticos



A CARREATA DA MORTE:

a elite brasileira e a tragédia popular do covid-19



cabanarquista.org

italianos, que gerou milhares de mortos e que seria replicada conscientemente aqui. Crônica de um desastre anunciado e planejado. No dia 20 de março, poucos dias depois das primeiras mortes por COVID-19 (tínhamos 11 mortos oficiais no Brasil), um grupo de empresários ligados ao bolsonarismo iniciou uma campanha defendendo a volta ao trabalho e a continuidade das atividades econômicas. Luciano Hang (Havan), Junior Dursk (Madero), Alexandre Guerra (Giraffas), Roberto Justus (Newcom). Não nos enganemos. Havia bastante informação circulando no mundo para garantir que a única saída para combater o vírus era o isolamento social, e quem não o fizesse pagaria um alto preço. **Não falta conhecimento nem formação às nossas elites. Sua posição exige uma alta dose de desumanidade, tal como os diversos membros da SS nazista que possuíam doutorado e eram, portanto, muito bem formados, mas cruéis, pela sua posição**

e ofício. Sabiam que estariam seguros dentro de suas fortalezas e insensíveis historicamente ao massacre dos mais pobres, era um preço baixo a se pagar para estes. E, com sua tropa de choque de soldados da morte, recrutados na parte mais putrefata dos setores médios brasileiros, realizaram as chamadas Carreatas da Morte, onde bolsonaristas convictos, alimentados pela maquinaria das fake news construída nos anos anteriores, defendiam a reabertura total do comércio com “protestos” de dentro de automóveis importados.

Paralelamente a esse circo de horrores, o ultraliberalismo, representado por Paulo Guedes e seus tecnocratas midiáticos, restringe e dificulta o acesso ao apoio financeiro aos trabalhadores, gerando filas enormes nas agências da Caixa e fazendo com que as e os trabalhadores precarizados se arrisquem nas ruas para conseguir seu ganha pão. Enquanto os reacionários liderados por Bolsonaro empurravam os trabalhadores para o abismo com uma mão, o ultraliberalismo o fazia com a outra. A pandemia que atinge o país nasceu, então, com uma contradição capitalista insolúvel. Derrotar o vírus passaria por garantir o funcionamento apenas de serviços essenciais, tal como uma economia de cuidado (alimentos, remédios, energia elétrica, telecomunicações) e paralisar toda a cadeia produtiva que não se enquadre nesse aspecto para proteger a população, configurando um isolamento social profundo, que protegesse as vidas. Isso implicaria no pagamento dos salários dos trabalhadores assalariados e no apoio ao grande contingente de trabalhadores precarizados do país (40% da mão de obra), diminuindo a taxa de lucro dos capitalistas e do sistema financeiro.

Contudo, o arranjo do bloco de poder inaugurado em 2016 e formalizado como aliança mais duradoura em 2018 não entraria em campo durante a pandemia com uma nova tática de jogo. Apesar da modesta ponderação do STF em dar um cartão amarelo – alimentando a ilusão de que o sistema se autorregula – para o time ultraliberal e bolsonarista, o resultado do jogo já estava dado. Desde a reunião de 07 de maio, em que empresários atravessaram a praça dos três poderes, ao lado de Bolsonaro e Guedes, para encontrar Toffoli, o destino do isolamento foi determinado. Quem organiza o jogo escolhe como são as regras. E as elites estavam ali, representadas por empresários da indústria química, de calçados, da indústria elétrica e eletrônica, da indústria farmacêutica, do cimento, têxtil, comércio exterior, máquinas e equipamentos, brinquedos, eletroeletrônicos, etc., determinando a morte de mais milhares de trabalhadores (já eram 9.146 mortos oficiais).

Nessa equação maldita e macabra, em que os de cima, com beneplácito da oposição “chapa branca” do STF, escorada na aliança bolsonarista, passa a ter outro ator relevante como fiador do massacre que viria. O verde-oliva da farda militar, que deu estabilidade à aliança em 2018, **ala inclusive que foi elogiada pelos hoje “horrorizados” repórteres da Rede Globo**, era o funcionário perfeito para fazer com que os cadáveres de milhares de trabalhadores fossem tratados como simples números. Com técnicas oriundas da ditadura militar, passaram a negar acesso aos dados aos pesquisadores e jornalistas, acabaram com as coletivas de imprensa do Ministério da Saúde e mudaram até a forma de contabilizar os mortos. O resultado é que os 100.000

mortos oficiais podem ser na realidade 150.000, devido a subnotificação e a falta de testes.

Desde o começo do descontrole sobre o número de infectados, que veio caracterizando a tragédia da primeira centena de milhares de óbitos no país, a pandemia da COVID-19 promovida pelos de cima tem destino certo: as classes populares, em especial, o povo preto. Se anteriormente já se constatava que o maior número de mortos vinha sendo nas periferias brasileiras (com o caso emblemático da empregada doméstica que morre pelo vírus trazido pela patroa de sua viagem à Itália), novos dados comprovam que os maiores índices de infecção são encontrados junto aos setores mais desfavorecidos economicamente. Ou seja, proporcionalmente, o número de mortos é muito maior entre trabalhadores de carteira assinada, informais, autônomos e donas de casa, assim como entre as pessoas que dependem do transporte coletivo ou que só têm suas próprias pernas para se deslocar ao trabalho.

“[...] o número de mortos é muito maior entre trabalhadores de carteira assinada, informais, autônomos e donas de casa, assim como entre as pessoas que dependem do transporte coletivo ou que só têm suas próprias pernas para se deslocar ao trabalho.”

Para completar a tragédia popular, as mesmas elites que determinaram, junto aos seus aliados, o fim do isolamento social, promovem, por meio do liberalismo com tintas “sociais”, a ideia de que o empresariado está apoiando financeiramente o combate à COVID-19, com doações pontuais. Apenas um exemplo:

enquanto as Lojas Americanas permaneciam com suas unidades abertas por meio de ordens judiciais e malabarismos (como colocar alimentos, configurando serviço essencial), fazendo girar o mecanismo da morte, apresentam-se nos programas de TV como financiadoras de fundos de pesquisa contra o vírus.

A elite brasileira, portanto, é agente e cúmplice da tragédia que tem em Bolsonaro o seu funcionário da morte mais dedicado. O bolsonarismo segue ainda apoiado por grandes setores da pequena e da média burguesia brasileira, e são esses setores os principais responsáveis por cada trabalhador/a morto/a pela insanidade bolsonarista.

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/08/13/a-carreata-da-morte-a-elite-brasileira-e-a-tragedia-popular-do-covid-19/>

